

A Escota da Genoa virou Cabo de Guerra

Por Fernando Cunha

Minha iniciação no mundo náutico se deu através de uma lancha. Passei muitos anos desfrutando desse tipo de embarcação, porque apesar das sucessivas trocas, por modelos maiores, permanecia nesse mesmo tipo de embarcação.

A minha atividade náutica era e continua sendo exercida predominantemente no Lago Paranoá, em Brasília (DF), onde muitos sabem que se encontra a terceira maior quantidade de barcos do País, perdendo apenas para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Pois bem, apesar dessa minha tendência lancheira, havia uma coisa que me atraía nos veleiros: As suas amplas e confortáveis cabines.

Quanto mais me entrosava com os velejadores, e com eles trocava idéias, mais crescia em mim o desejo de adquirir um veleiro, embora apenas para realizar um ou outro cruzeiro, porque em nenhum momento passou pela minha cabeça desfazer-me da lancha (à época uma 22 pés com motor de 225 HP).

Estávamos no início do ano 2000. O Diretor de Náutica da Associação Atlética Banco do Brasil, em Brasília (DF), única sede de AABB que abriga um ótimo píer e razoável pátio náutico, resolveu criar um curso de velas para adultos iniciantes. Até então somente existia a escolhinha de optmist para as crianças, visando formar os futuros velejadores que viriam a representar o Clube, como o fazem até hoje.

Pois bem, resolvi embarcar nessa empreitada juntamente com minha mulher, um dos meus filhos e outros três amigos, formando um grupo de meia dúzia de pessoas, divididas em duplas, e que fariam o curso em três **Dingues**. Assim foi ministrado o Primeiro Curso de Velas para Adulto do Clube, sob a responsabilidade da jovem professora Tatiana, que veio a ficar conhecida como “Tia Tati”.

Concluído o curso, com direito a uma regatinha na última aula, foi realizado um churrasco de comemoração pelo grupo e o entusiasmo pela vela era notório.

Após isso, e para exercer a minha nova atividade náutica, optei por adquirir um Veleiro Spring 25, que recebeu o nome de **EL REFUGIO** e passou a ser a segunda menina dos meus olhos (a primeira era a lancha), tamanho o zelo que a ele dedicava.

No dia do primeiro passeio, coloquei a bordo todos os colegas do cursinho, içamos as velas, nos lançamos à água e iniciamos a nossa “pretendida” velejada. Era a primeira vez que entrávamos em um veleiro depois do curso realizado em um Dingue que, como todos sabem, tem apenas uma vela.

Logo no início, enquanto velejávamos em linha reta, digamos assim, tudo estava maravilhoso. Porém, eis que surgiu a necessidade de se dar a primeira cambada. Ordem dada pelo “*experiente timoneiro*” para a “*experiente tripulação*”, após recomendar calma: PREPARAR PRÁ CAMBAR!

Prontamente, dois dos tripulantes, cada um deles em um bordo, segurou a ponta da escota da genoa que se encontrava do seu lado e ficou aguardando a ordem seguinte: CAMBANDO!

Começou a via sacra. Cada um deles, querendo demonstrar arrojo na execução da tarefa, caçava o cabo com vigor. Um puxava de um lado e o outro, ao invés de simplesmente soltar o cabo, também o puxava do outro lado. E ninguém no barco entendia porque o tal cabo não se mexia.

Ouviam-se, então, as mais hilárias opiniões, sendo renovada a de que “*o cabo devia estar preso em algum lugar*”. Instantes depois algum *gênio* presente descobriu que ambos os tripulantes estavam puxando o mesmo cabo, em sentidos opostos, o que transformava a Escota da Genoa em um verdadeiro Cabo de Guerra.

Ao desembarcarmos e nos dirigirmos ao Barzinho da Náutica, onde foi narrada essa nossa peripécia, dentre outros desatinos, passamos por uma gozação generalizada e tivemos que pagar uma rodada de cerveja e salgadinhos para os presentes. Afinal, estava concretizado o nosso batismo como futuros velejadores.

Já me desfiz da lancha e após o Spring 25 já possuí um Delta 26 e hoje sou o feliz proprietário do **ACONCHEGO**, um Delta 32, tudo aqui no Lago Paranoá.